

A EVANGELIZAÇÃO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Erico Tadeu Xavier

Doutorando no PRODOLA. Email: pxvavier@terra.com.br

Resumo: O mundo precisa ouvir a mensagem do evangelho eterno (Ap 14:6) e isto é bom motivo para se praticar a evangelização. Mas, o que significa evangelizar? Quais as implicações do evangelho? Qual a natureza do mundo contemporâneo? Como expressar a fé bíblica e cristã no mundo pós-moderno? O propósito desse artigo é responder a essas e outras questões relacionadas com a evangelização no mundo contemporâneo.

Palavras-chaves: Evangelização, Pós-modernismo, Reconciliação, Pecado, Salvação.

EVANGELISM IN THE MODERN WORLD

Abstract: The world needs to hear the message of the everlasting gospel (Rev. 14:6) and that is good reason to practice evangelism. But what it means to evangelize? What are the implications of the gospel? What is the nature of the contemporary world? How to express biblical and Christian faith in a postmodern world? The purpose of this paper is to answer these and other questions related to evangelization in the contemporary world.

Keywords: Evangelization, Postmodernism, Reconciliation, Sin, Salvation.

A evangelização em sua perspectiva bíblico-teológica

Evangelizar é apresentar um anúncio jubiloso; proclamar boas notícias. É a proclamação de uma mensagem de alegria. Em outras palavras, evangelizar (do grego *euangelizomai*) significa trazer ou anunciar o evangelho (*euangelion*) as boas novas, ou seja, o anúncio da salvação efetuada em Jesus Cristo através de Sua morte e confirmada na humilhação de Sua sepultura e no triunfo de Sua ressurreição.

O evangelho implica, em primeiro lugar, que Jesus Cristo tem triunfado decisivamente sobre o pecado e a morte. Esse triunfo se dá pelo fato de que Cristo, por Sua obediência, justiça e sacrifício perfeitos, condenou o pecado na carne (Rm 8:3). O pecado é descrito por Paulo como o aguilhão, o instigador, da morte (1Co 15:56). A morte é consequência direta do pecado (Rm 5:12; 6:23). “O pecado”, disse Tiago, “sendo consumado, gera a morte” (Tg 1:15). Mas, ao ser destruído o pecado, é também destruída a morte (Rm 6:3,6,9). Dessa maneira, a morte não somente é o resultado e o salário do pecado, mas também o meio para a sua solução. “Sem



derramamento de sangue”, declara Hebreus 9:22, “não há remissão”. Nesse sentido, também, corrobora a crença adventista: “A cruz testifica tanto da capacidade destruidora do pecado quanto das profundidades do amor de Deus em favor dos pecadores (NISTO CREMOS, 2008, p. 133)”. O parágrafo seguinte dessa mesma obra esclarece mais:

Por intermédio de Sua morte, Cristo rompeu o domínio do pecado, extinguiu a escravidão espiritual, removeu a condenação e a maldição da lei e tornou disponível aos pecadores arrependidos a vida eterna. Pedro diz que os crentes foram redimidos “do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram” (1Pe 1:18). Paulo escreveu que aqueles que foram libertados da escravidão do pecado e de seus frutos mortais, agora se encontram no serviço de Deus com seus frutos “para a santificação e, por fim, a vida eterna (Rm 6:22) (NISTO CREMOS, 2008, p. 143).

O evangelho implica, em um segundo momento, na reconciliação de todas as coisas em Cristo. Isso é o que Paulo dá a entender em Colossenses 1: 19 e 20, ao declarar: “Porque aprouve a Deus que, nele, residisse toda a plenitude e que, havendo feito a paz pelo sangue da cruz, por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus” (Cl 1:19-20). Nessa perspectiva, a reconciliação faz parte do plano divino da Redenção, como demonstra o comentário abaixo citado:

A transgressão de Adão afetou toda a terra. A degeneração se estendeu desde o homem – a obra prima e ápice do Criador – até as plantas, os insetos, os animais marinhos e ainda os seres inanimados. Mas pelo ato redentor de Cristo finalmente restaurará a perfeição e a harmonia. [...] O plano da redenção cumprirá assim seu propósito mais amplo e profundo, a saber: a vindicação do caráter de Deus perante o universo (NICHOL, 1990, p. 199).

A reconciliação não está limitada ao indivíduo, mas envolve todas as coisas, celestiais e terrenais (Cl 1:20). Na verdade, o pecado afetou não somente o homem, mas toda a criação (Rm 8:20-21). A reconciliação (katallasso) que o evangelho anuncia não é, pois, nada menos que a restauração de todas as coisas em Cristo. É a nova criação do homem (2Co 5:17; 1Pe 1:4 e 1Jo 3:2) e a nova criação do planeta Terra (Is 65:17-25; 2Pe 3:13 e Ap 21:1).

Em terceiro lugar, o evangelho implica que o Reino de Deus já está presente. É precisamente neste contexto onde aparece, pela primeira vez, no ministério de Jesus,



a expressão “pregar o evangelho”, tal como apresenta Marcos 1:14-15: “Depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galileia, pregando o evangelho de Deus, dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho”.

Embora o vocábulo “reino” (Basiléia) possa significar: (1) o exercício de soberania, governo; (2) a comunidade dos governados; e (3) lugar ou território onde se exerce essa soberania (CULLMAN, 1971, p. 35)⁵, no contexto da pregação de Jesus significa especificamente, a chegada de uma nova época, caracterizada pelo reinado soberano de Deus em Seu filho (Lc 4:18-21). Por uma parte, é o cumprimento da esperança do Antigo Testamento, sendo, por essa razão, o anúncio do reino devia ser dirigido, primeiramente, a Israel (Mt 15:24; 10:5-6). Por outra parte, há um “ainda não” nessa mensagem, posto que, embora o reino tenha chegado, este, todavia, não se apresentou em sua plenitude.

Existe, pois, uma tensão entre cumprimento e promessa, entre o “já” e o “ainda não”. E é debaixo dessa tensão que nasce a proclamação (kerygma) do evangelho. A aparente demora para o segundo advento de Cristo não durará para sempre. Os “últimos dias” haverão de terminar ao chegar “o último dia” (Jo 6:39, 40,44, 54; 11:24; 12:48). Os “últimos tempos” terminarão no “último tempo” (1Pe 1:5). É durante esse tempo de espera que a igreja cumprirá totalmente sua grande missão: “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim” (Mt 24:14).

Nesse sentido, Ellen G. White afirma (1985, p. 311): “Em Apocalipse 14:6-12 são descritos três anjos voando pelo meio do céu com mensagens específicas do tempo do fim para preparar o mundo para o segundo advento de Cristo”.

A natureza do mundo contemporâneo

Sobre o mundo de hoje, Francis Schaeffer (1974, p. 5) assim se pronunciou:

Cada geração cristã defronta com este problema de aprender como falar ao seu tempo de maneira comunicativa. É problema que não se pode resolver sem uma compreensão da situação existencial, em constante mudança, com que se defronta. Para que consigamos comunicar a fé cristã de modo eficiente, portanto, temos que conhecer e entender as formas de pensamento da nossa geração.



Para Reinder Bruinsma (2006, p. 30), o pensamento pós-moderno dirige a conduta religiosa e eclesiástica, sendo perceptível a presença da religião, mas não da igreja institucional, na vida de muitos ocidentais, para os quais “experiência e emoção são aprovadas, mas doutrinas são consideradas irrelevantes. Verdade absoluta é substituída por ‘o que funciona para mim’”. A natureza da sociedade contemporânea pode ser resumida (já que são muitas as suas características) e explicada da seguinte maneira:

Uma sociedade antropocêntrica. O mundo contemporâneo tem como base a célebre declaração de que “o homem é a medida de todas as coisas”. Isso pressupõe a predominância da filosofia humanista que o coloca como o centro do Universo em fragorante contraste com o ensino bíblico de que todas as coisas foram criadas para a glória de Deus (Sl 73:25; 1Co 10:31; 1Pe 4:11). “Amantes de si mesmos” (2Tm 3:2) é a melhor expressão para esse perfil. Tais homens consideram-se pequenos deuses, capazes de impor a própria vontade como se essa fosse completa e suficiente para as realizações humanas. À semelhança de Satanás (Is 14:12-15), usurpam para si o direito de soberania que pertence exclusivamente ao Todo-poderoso.

Uma sociedade relativista. Não existem absolutos. Todos nós temos nossas próprias verdades. Comunidades e culturas têm seu próprio jogo de linguagem. Tudo é subjetivo, relativo, incerto, contingencial e ambíguo. Sob essa ótica, não há lugar para os valores absolutos, isto é, os princípios e ensinamentos imutáveis da Palavra de Deus, válidos para “todas as pessoas, em qualquer época e em todos os lugares”. Estes são qualificados como impróprios por aqueles que vivem ao sabor de suas concupiscências e são prisioneiros do contexto e das convenções sociais do momento, pois “tolhem” a liberdade de tais pessoas (Rm 1:18-32). Não havendo, segundo a visão humanista pós-moderna, um padrão normativo universal, abre-se um precedente para a desordem moral e social, tão em voga no mundo contemporâneo.

Uma sociedade materialista. O materialismo, como o termo deixa entrever, parte do falso princípio de que tudo no Universo se reduz à matéria e que nada existe além desta. Não admite o sobrenatural, como os saduceus faziam no passado (At 23:8). Segundo os materialistas, o Universo, com todos os seus infinitos componentes, as inimagináveis complexidades, a assombrosa precisão e detalhes, é incriado, sem nenhuma causa originadora. Os materialistas e ateus, por estarem vivendo na cegueira



espiritual, não conseguem enxergar nada além do mundo físico, apesar de todas as coisas criadas apontarem para sua causa primária, que é Deus (Jó 12:7-9; Sl 19:1-6, Jo 1:3).

Uma sociedade globalizada. Os homens do mundo contemporâneo sabem que vivem numa aldeia global. O computador – símbolo de pós-modernidade – lhes dá acesso instantâneo ao mundo. Na verdade, a internet, a televisão e os demais meios de comunicação em massa estão contribuindo para a banalização do sexo, para a incitação à violência e, mais recentemente, deram de banalizar a Deus. Fala-se de Deus como se fala de um modelo de automóvel, de futebol, ou de um cantor famoso. Estamos presenciando uma nova religiosidade, que combina imagem eletrônica, entretenimento e consumo. É o mercado do sagrado. É a religiosidade que proporciona o estado de êxtase e que anuncia o êxito financeiro e efetivo.

Uma sociedade secularizada. A secularização do mundo contemporâneo é o modo como este vive, age e acomoda-se aos padrões impostos pela globalização. A influência da globalização e do pensamento pós-moderno tem se manifestado em forma de apelo, fascínio, mistura, prazer e imitação. O secularismo torce arditosamente a verdade de Deus e busca tornar a Igreja uma instituição corrompida e irrelevante. Nessa sociedade a visão evolucionista prevalece, e rejeita-se totalmente o pensamento de que somos criados por um Deus infinito, pessoal e cuidadoso. Mark Finley (2001, p. 24-25), referindo-se a uma pesquisa realizada nos EUA, fala de quatro atitudes negativas dos secularistas em relação à igreja. Em primeiro lugar, a Igreja é muito materialista, tornou-se um grande negócio, no qual o dinheiro é mais importante do que o amor. As igrejas são muito parecidas com sociedades anônimas. Em segundo lugar, para os secularistas, a igreja tornou-se muito poderosa. Com isso, tenta controlar o pensamento, tolher a liberdade de expressão, manipulando a mente das pessoas e dizendo-lhes como devem viver. Em terceiro lugar, a igreja é hipócrita. Há uma discrepância entre palavras e atitudes, dizem os secularistas. Ela se parece mais com um clube social e eles não querem se tornar seus sócios. Finalmente, em quarto lugar, eles crêem que a igreja não é relevante, não acompanhou as mudanças do mundo.

Uma sociedade permissiva. A permissividade pessoal e social é outra característica dos tempos pós-modernos. O padrão de comportamento justo e correto,



com seus limites, à luz dos ensinamentos bíblicos, tem sido removido, nestes dias que antecedem a volta de Jesus, resultando na falência moral da sociedade e comprometendo seriamente a vida de muitos cristãos. Para a sociedade secular não há mais limites quanto a comportamento, procedimento, traje, vida relacional, etc. As consequências disso revelam-se nas atitudes e fatos, os mais absurdos, ilícitos e pecaminosos que se possa imaginar, quando vistos à luz da Palavra de Deus. Esse é o quadro descrito na Bíblia, em Efésios 4:17-19. A devassidão toma conta do mundo, em todas as camadas da sociedade e, infelizmente, tem afetado a Igreja.

A permissividade pode ser percebida no diálogo imaginário de Neimar de Barros (1975, p. 120):

Você deixaria entrar em sua casa para vender ideias à sua família, um viciado, um adúltero, um neurótico? Que pergunta besta! Claro que não! Você permitiria que o viciado dissesse coisas, contasse coisas, escrevesse com seu filho e sua filha? Você permitiria que o adúltero, na sala de sua casa, expusesse uma série de pensamentos à sua esposa? Você permitiria que o neurótico contasse histórias, vivesse-as na frente de sua mãe ou avó? É evidente que não! Contudo, eles estão entrando pela TV.

A evangelização no mundo contemporâneo

Surge, então, a grande pergunta: como expressar a fé bíblica e cristã no mundo contemporâneo? Ou seja, como evangelizar uma sociedade com tais características? O desafio é grande e nenhuma forma de abordagem evangelística é singularmente designada para alcançar todos os indivíduos. Cada pessoa responde melhor a uma aproximação diferente. Diante disso, apresentaremos a seguir algumas formas de abordagem para esse tempo.

Relacionamento interpessoal. Sobre isso escreveu Mark Finley (2001, p. 24):

Indivíduos de mente secularizada não são conquistados por programas, mas por outros indivíduos que desenvolvam um relacionamento interpessoal com eles. Os seres humanos respondem à bondade. A amizade genuína quebra preconceitos. Não conseguiremos ganhar pessoas para Cristo tentando argumentar contra elas.

Salinas e Escobar (1999, p. 45) dão mais detalhes sobre o assunto:

Nesta era pós-moderna não podemos esconder a nossa vida por trás de grandes argumentos racionais, porque agora os mesmos não impressionam mais. Nesta era, mais do que com palavras,



evangelizamos com ações, com uma postura de amor pelos outros, com uma epistemologia mediada por compaixão, com uma axiologia saturada pela ética e pelos valores do reino, e com uma mensagem encarnada, que saia dos templos e que se misture com a geração desencantada e cheia de suspeições que perambula como “ovelhas sem pastor.

Essa verdade foi entendida por Ellen G. White (1985, p. 62), que escreveu:

Um dos meios mais eficazes de comunicar a luz é o trabalho particular, pessoal. No círculo familiar, no lar do vizinho, à cabaceira do doente, de maneira tranquila podeis ler as Escrituras e falar acerca de Jesus e da verdade. Lançareis, assim, preciosa semente, que germinará e produzirá fruto.

Jesus praticava diariamente esses princípios. Eis a declaração de Ellen G. White (2004, p. 107) a respeito de Seu contato com as pessoas:

Jesus via em cada alma alguém a quem devia ser feito o chamado para Seu reino. Aproximava-se do coração do povo misturando-se com ele como alguém que lhe desejava o bem-estar. Procurava-os nas ruas públicas, nas casas particulares, nos barcos, na sinagoga, às margens do lago e nas festas nupciais. Ia-Lhes ao encontro em suas ocupações diárias, e manifestava interesse em seus negócios seculares. Levava Suas instruções às famílias, pondo-as assim, no próprio lar, sob a influência de Sua divina presença. A poderosa simpatia pessoal que dEle emanava, conquistava os corações.

E mais: “O Salvador misturava-se com os homens como uma pessoa que Lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes as necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: “Segue-Me” (WHITE, 1980, p. 143).

As considerações de Salinas e Escobar (1999, p. 46) são conclusivas:

Preferimos a evangelização metódica e a ação apologética argumentativa, racionalista e lógica. Temos que revisar, então o modelo de Jesus, cujo ministério público foi essencialmente relacional. Ele andava no meio das multidões, ou então tinha encontros privados com determinadas pessoas, até mesmo de noite. Ele sabia o que era sentir calor do meio-dia no deserto de Samaria, ou o frio da morte no quarto de uma adolescente. Ele deixou-se tocar por uma mulher cerimonialmente impura, e tocou intencionalmente num leproso, isolado pela sociedade. Ele falou de situações cotidianas, de sal e lâmpadas, de sementes e pastores, de pais e filhos. Hoje, mais do que nunca, devemos seguir este modelo, se queremos alcançar a geração pós-moderna.



Construir confiança nas Escrituras Sagradas. Esse é outro ponto fundamental, porque o homem contemporâneo acha que a Bíblia carece de substância intelectual e não confia em sua integridade. Para Mark Finley (2001, p. 25), “as profecias de Daniel são especialmente designadas por Deus para construir confiança na realidade escriturística”. Ele esclarece dizendo que:

Profecias do Antigo Testamento acerca de Jesus como o Messias são muito apelativas. Seu nascimento em Belém (Miq.5:2), o nascimento virginal (Isa.7:14), Sua linhagem familiar (Gên.49:19), bem como os eventos relacionados com a crucifixão apontados em Zacarias 13, Salmo 22, e outras passagens, geram grande confiança entre pessoas secularizadas, levando-as a compreender que Jesus é mais que um homem notável. Ele foi mais que um filósofo ético; é, realmente, o Filho de Deus. A compreensão de algumas profecias a respeito do surgimento e queda de impérios, conforme apresentadas no Antigo Testamento, é uma evidência convincente para algumas mentalidades secularizadas. Profecias como a do rei persa, Ciro, nomeado 150 anos do seu nascimento (Isa.44:28; 45:1 e 2) ou a destruição de Tiro e Sidom (Eze.26:1-4, 19-21) e a destruição do Egito (Eze.19:1-9), estabelecem a confiança nas Escrituras como um documento divinamente inspirado.

Mais do que apresentar um sistema lógico de crenças, ou doutrinas e, até mesmo, profecias, a missão da igreja é apresentar Jesus em toda a sua plenitude (Cl. 1:19; 2:9), para que esta geração pós-moderna seja transformada à Sua imagem. E isso deve ser feito com compaixão, mantendo relacionamentos significativos com as pessoas de mentes secularizadas. Salinas e Escobar (1999, p. 47) defendem a tese de que o conceito de verdade não pode se perder nesse contexto, ou seja, durante o ensino das Escrituras Sagradas. Eles se pronunciam assim:

O que não podemos nem devemos render à pós-modernidade é que se perca o conceito de verdade, tal como o encontramos na Bíblia. Não devemos permitir que a Verdade (com maiúscula) torne-se relativa e converta-se simplesmente numa verdade (com minúscula) a mais no mercado esotérico pós-moderno.

Autenticidade no viver cristão. O homem contemporâneo espera ver cristãos com a Bíblia no coração, e não apenas no bolso, pois, segundo Ayres (1998, p. 81): “Mais do que nunca, o testemunho, o caráter e o estilo de vida dos cristãos estão não apenas sob suspeita, mas também sob os microscópios e telescópios da sociedade secular”. A presente geração será atraída a Cristo através de um exemplo de vida



diferenciado, ou seja, pelo exemplo edificante e salutar de um estilo de vida baseado no exemplo de Jesus (Jo 13:15, 35).

Ayres (1998, p. 97) esclarece, ainda, que:

Convém deixar claro, no entanto, que essa diferença nada tem que ver com certas posturas legalistas, farisaicas ou sectárias esposadas por alguns, mas com o evangelho, na beleza de um coração transformado, que no dizer de Pedro, constitui “o homem interior e na fidelidade de todo o “conselho de Deus”.

A autenticidade cristã deve ser o estilo de vida dos que professam fé em Cristo, inclusive no meio político. E, sobre isso, em artigo publicado na revista Ministério, Alberto Ronald Timm (2006, p. 13) escreveu:

A Igreja espera que os adventistas que se candidatam a cargos políticos elegíveis sejam honestos em sua campanha e, se eleitos, também no exercício de suas funções políticas. Cada candidato deve conduzir o seu processo eleitoral-político (1) sem assumir posturas ideológicas e partidárias contrárias aos princípios cristãos; (2) sem se valer de recursos financeiros inapropriados; (3) sem prometer o que não possa cumprir; (4) sem denegrir a reputação de outros candidatos igualmente honestos; (5) sem se envolver com coligações não condizentes com a fé cristã-adventista.

O mundo contemporâneo está à espera de um cristianismo autêntico em todas as esferas da vida. Não basta pregar no púlpito, é preciso pregar através do exemplo diário, ou seja, através de um estilo de vida cristão. O homem contemporâneo se converterá não pelo que pregamos, mas pelo que praticamos.

Uma vida cheia do poder do Espírito Santo. É impossível evangelizar o mundo contemporâneo sem o poder do Espírito Santo. Muitas vezes podemos ser levados a pensar que o homem pós-moderno será levado a Cristo se falarmos de forma erudita ou, quem sabe, oferecendo-lhe algo semelhante ao que está acostumado no mundo; assim, tentamos fazer da igreja um clube social, ou um programa de auditório, ou uma academia de intelectuais, nos esquecendo que a sabedoria do Evangelho atua em outro nível, e é operada pelo Espírito Santo. Em Atos 1:8, o Senhor prometeu: “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis Minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da Terra”. Portanto, sem a ajuda do Alto, nossas tentativas de fazer novos conversos serão infrutíferas.



Jesus era dependente e cheio do Espírito Santo. Ele foi dependente do Espírito Santo para nascer (Lc 1:35). Jesus foi dependente do Espírito Santo para cumprir a Sua missão. Foi Ele quem declarou: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor” (Lc 4:18, 19).

A vida de Jesus foi plena do Espírito. A Bíblia diz: “Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão” (Lc 4:1). O Senhor ofereceu-se em sacrifício, pelo Espírito. A Palavra diz: “Muito mais o sangue de Cristo que pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu” (Hb 9:14). Romanos 8:11 e 1:4 esclarecem que o Senhor Jesus foi ressuscitado dentre os mortos pelo poder do Deus Trino. Logo, o Espírito Santo teve participação preeminente em Sua ressurreição. Tanto em seu nascimento como em sua ressurreição o Senhor Jesus foi dependente do Espírito Santo.

É desejo de Deus salvar todo aquele que crê (Jo 3:16). Ele quer salvá-los. E o poder do Espírito Santo é maior que todas as forças opostas ao evangelho, existentes no mundo contemporâneo. As seguintes palavras de Ellen G. White (1985, p. 69) são oportunas:

Logo ocorrerão mudanças peculiares e rápidas, e o povo de Deus será revestido do Espírito Santo, de forma que, com sabedoria celeste, enfrente as emergências desta época e neutralize ao máximo possível a influência desmoralizadora do mundo. Se a igreja não estiver dormindo, se os seguidores de Cristo vigiarem e orarem, poderão possuir entendimento para compreender e avaliar as tramas do inimigo.

E diz mais: “A presença do Espírito com os obreiros de Deus dará à proclamação da verdade um poder que nem toda a honra ou glória do mundo dariam (WHITE, 1981, p. 253).

O mundo secularizado só será alcançado pelo evangelho quando a igreja se levantar, cheia do poder do Espírito Santo. Então, nada resistirá à influência e ao poder de Deus na vida dos crentes.

Conclusão

A pregação do Evangelho, no mundo de hoje, não deve ser diferente daquela ocorrida no tempo dos apóstolos, com relação à firme convicção e apresentação da



verdade. Assim como a Palavra afirma que “Deus não muda”, também, da mesma forma, a pregação deve atingir, com poder, todas as pessoas, independente de quais sejam suas convicções.

Todavia, as estratégias de pregação podem diferir de um contexto para outro, de uma cultura para outra. Deve-se pregar a Palavra de Deus, sem, contudo, deixar de apresentar a verdade autêntica, tal como a apresentaria o próprio Jesus, se em nosso lugar estivesse, com brandura e amor, mas com firmeza e integridade. O revestimento do Espírito Santo, para a pregação do Evangelho eterno, se torna uma realidade na medida em que nos colocamos a Seu serviço e nos propomos a viver o próprio Evangelho, apresentando-o aos outros com amor e abnegação, para que vejam, entendam e aceitem, não apenas através de nossas palavras, mas pela sonoridade de nossos atos, levando as pessoas à verdadeira conversão.

Referências Bibliográficas

- AYRES, A. T. **Como entender a pós-modernidade**. São Paulo: Vida, 1998.
- BRUINSMA, R. **Mais que um desafio**. Ministério, Tatuí, p. 30, jan./fev., 2006.
- CULLMAN, O. **La fe y el culto en la iglesia primitiva**. Madrid: Studium, 1971.
- DE BARROS, N. **O livro proibido**. São Paulo: Shalon Livraria Ltda, 1975.
- FINLEY, M. **Secularismo ontem e hoje**. Ministério, Tatuí, nov./dez., 2001.
- FINLEY, M. **Secularismo ontem e hoje**. Ministério, Tatuí, p. 24, nov./dez., 2001.
- FINLEY, M. **Secularismo ontem e hoje**. Ministério, Tatuí, p. 25, nov./dez., 2001.
- NICHOL, F. D. **Comentario bíblico adventista del séptimo día**. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1990. v. 7.
- Nisto Cremos: 28 ensinós bíblicos dos adventistas do sétimo dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.
- SALINAS, D.; ESCOBAR, S. **Pós-modernidade: novos desafios à fé cristã**. São Paulo: ABU Editora, 1999.
- SALINAS, D.; ESCOBAR, S. **Pós-Modernidade: novos desafios à fé cristã**. São Paulo: ABU Editora, 1999, p. 46.
- SCHAEFFER, F. **A morte da razão**. São Paulo: ABU Editora/Editora Fiel, 1974.
- TIMM, A. R. **Os adventistas e a política: entre o púlpito e o palanque**. Ministério, Tatuí, p. 13, mai/jun, 2006.
- WHITE, E. G. **A ciência do bom viver**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1980.
- WHITE, E. G. **O desejado de todas as nações**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.



WHITE, E. G. **O grande conflito**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1985.

WHITE, E. G. **Serviço cristão**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1981.

WHITE, E. G. **Testemunhos seletos**, v. 3. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1985.

WHITE, E. G. **Testemunhos seletos**, v. 3. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1985.